

INTRODUÇÃO

Depois de considerar a página da História, olhando o mundo vivo com ansiosa solicitude, as mais melancólicas emoções, fruto de desgostosa indignação, deixaram-me com o espírito deprimido; e suspirei ao ver-me obrigada a confessar que ou a natureza operou uma grande diferença entre o homem e a mulher ou a civilização que até agora teve lugar tem sido muito parcial. Consultei diversos livros que foram escritos em matéria de educação, e observei pacientemente a conduta dos pais e a gestão de escolas; mas com que resultado? – uma profunda convicção de que é a negligenciada educação das criaturas minhas semelhantes que constitui a grande fonte da desgraça que eu deploro; e de que as mulheres, em particular, acabam por ser fracas e desditosas devido a uma variedade de causas que para tal concorrem, cuja origem está numa conclusão precipitada. De facto, a conduta e as maneiras das mulheres provam com evidência que o espírito delas não goza de boa saúde; porque, tal como acontece com as flores plantadas em solo demasiado rico, a força e a utilidade são sacrificadas à beleza; e, depois de agradarem a um olhar exigente, as folhas de que fazem alarde definham esquecidas no caule, muito antes da estação em que deviam ter atingido maturidade. – Atribuo uma das causas

deste infrutuoso florescimento ao falso sistema de educação recolhido em livros sobre esta matéria, escritos por homens que consideram o sexo feminino como mulheres e não como criaturas humanas, e mais ansiosos por fazer delas amantes sedutoras do que esposas afeiçoadas e mães racionais; e o entendimento deste sexo tem fervilhado a tal ponto com esta especiosa homenagem que, neste século, as mulheres civilizadas, salvo algumas excepções, mais não anseiam do que inspirar amor, quando deviam acalentar uma ambição mais nobre e reclamar respeito pelas suas aptidões e virtudes.

Por conseguinte, num tratado sobre os direitos e as maneiras femininos, não se pode deixar de falar das obras que em particular foram escritas para seu benefício; em especial, quando, em linguagem directa, aí se reitera que o espírito das mulheres se debilita por via de um falso refinamento, que os livros de instrução, escritos por homens de génio, seguem a mesma tendência de produções mais frívolas, e que, seguindo o mais verdadeiro estilo do maometanismo, as mulheres têm sido tratadas como uma espécie de seres subordinados e não como uma parte da espécie humana, quando se permite que uma razão passível de melhorias seja a digna distinção que eleva o homem acima da criação bestial e coloca um ceptro natural numa débil mão.

Contudo, porque sou mulher, não quereria levar os meus leitores a supor que pretendo agitar violentamente a contestada questão que diz respeito à igualdade e à inferioridade deste sexo; mas como esta matéria está no meu caminho e não posso passar por cima dela sem sujeitar a principal tendência do meu raciocínio a más interpretações, deter-me-ei por um instante para manifestar a minha opinião em poucas palavras. – Na governação do mundo físico observa-se que a fêmea, quanto à força, é em geral inferior ao macho. É esta a lei da natureza; e aparentemente, não foi suspensa

ou revogada a favor da mulher. Portanto, não pode negar-se um grau de superioridade física – e trata-se de uma nobre prerrogativa! Mas não satisfeitos com esta preeminência natural, os homens esforçam-se por nos arrastar ainda mais para o fundo, meramente para fazer de nós objectos atraentes por um instante; e as mulheres, inebriadas pela adoração que os homens, sob o efeito dos sentidos, lhes dedicam, não procuram despertar nos corações deles um interesse durável ou ficar amigas das criaturas suas semelhantes que encontram diversão no convívio com elas.

Estou ciente de uma inferência óbvia: tenho ouvido exclamações vindas de todos os quadrantes contra as mulheres masculinas; mas onde se encontram elas? Se através desta denominação os homens pretendem invectivar contra o ardor delas pela caça, pelo tiro e pelo jogo, juntar-me-ei com a maior cordialidade ao seu protesto; mas se for contra a imitação de virtudes viris ou, falando com mais propriedade, contra a consecução desses talentos e virtudes cujo exercício enobrece o carácter humano e eleva o género feminino na escala do ser animal, quando de um modo abrangente são designadas por humanidade; – tanto quanto me parece, todos aqueles que contemplam as mulheres com os olhos da filosofia partilham comigo o desejo de que, dia após dia, possam vir a tornar-se cada vez mais masculinas.

É natural que esta discussão divida o assunto. Considerarei em primeiro lugar as mulheres à luz grandiosa de criaturas humanas que, em comum com o homem, estão postas na Terra para desenvolver as suas qualidades; e, posteriormente, indicarei com maior pormenor a designação que lhes é específica.

Desejo também distanciar-me claramente de um erro no qual têm incorrido muitos e respeitáveis escritores; porque a instrução até agora dirigida às mulheres tem antes sido

ministrada a *ladies*, com a excepção que é devida ao curto conselho indirecto divulgado por meio da obra de Sandford e de Merton¹; porém, ao dirigir-me ao meu sexo em tom mais firme, dou particular atenção às mulheres da classe média, dado que parecem encontrar-se no estado mais natural. Talvez as sementes do falso refinamento, da imoralidade e da vaidade tenham sido sempre difundidas pelos grandes. Seres fracos e artificiais, erguidos acima das necessidades e dos afectos comuns à sua raça, corroem, de prematura e desnaturada maneira, esse mesmo fundamento da virtude, espalhando corrupção por toda a massa da sociedade! Enquanto classe da humanidade, têm o mais forte direito à piedade; a educação dos ricos tende a torná-los vaidosos e indefesos, e o espírito em desenvolvimento não se fortalece pela prática daqueles deveres que dignificam o carácter humano. – Vivem apenas para se divertir e, em conformidade com a mesma lei que na natureza produz invariavelmente certos efeitos, em breve só são capazes de fruir diversão estéril.

Mas como é meu propósito tomar um ponto de vista individual para os diferentes estratos sociais e para o carácter moral da mulher, em cada um deles, esta indicação, de momento, é suficiente; e fiz apenas alusão ao assunto por me parecer que a essência propriamente dita de uma introdução é oferecer um relato sumário dos conteúdos da obra que apresenta.

Espero que o meu próprio sexo venha a desculpar-me se o trato como criaturas racionais, em vez de lhe lisonjear as *fascinantes* graças e de o contemplar como se estivesse num estado de perpétua infância, incapaz de agir por si. Desejo seriamente destacar aquilo em que consiste a verdadeira dignidade e a verdadeira felicidade humana – é meu desejo persuadir as mulheres a esforçarem-se por adquirir força de espírito e força física e convencê-las de que frases suaves, um coração susceptível, delicadeza de sentimento e

refinamento de gosto são quase sinónimos de epítetos de fraqueza, e que aqueles seres que apenas são objectos de piedade e o tipo de amor que tem sido designado como seu par, em breve, tornar-se-ão objectos de desdém.

Portanto, ao descartar essas bonitas frases femininas que os homens usam com condescendência para suavizar a nossa dependência servil e ao desprezar essa fraca elegância de espírito, a sensibilidade única e a melosa docilidade de maneiras que supostamente constituem as características sexuais dos seres mais fracos, é meu desejo mostrar que a elegância é inferior à virtude, que o primeiro objecto de louvável ambição consiste em obter carácter na qualidade de ser humano, sem olhar a distinções de sexo; e que pontos de vista secundários deveriam ser submetidos a esta simples pedra-de-toque.

Eis aqui um esboço simples do meu plano; e, fosse eu exprimir a minha convicção com as enérgicas emoções que sinto sempre ao pensar no assunto, diria que alguns dos meus leitores sentirão os ditames da experiência e da reflexão. Animada por este importante objectivo, desdenharei de cortar frases ou de polir o estilo; – o meu intuito é ser útil e a sinceridade tornar-me-á desafectada; porque, desejando antes persuadir pela força dos meus argumentos do que deslumbrar pela elegância da minha linguagem, não desperdiçarei tempo a aprimorar períodos ou a fabricar a turgidez bombástica de sentimentos artificiais, os quais saem da cabeça mas nunca chegam ao coração. – Ocupar-me-ei de coisas, não de palavras! – e ansiando por fazer das representantes do meu sexo membros mais respeitáveis da sociedade, tentarei evitar esse registo floreado que resvalou do ensaísmo para o romance e dos romances para as cartas e para a conversa em família.

Estes bonitos superlativos, que se soltam da língua com enganadora facilidade, viciam o gosto e criam uma espécie

de delicadeza doentia que se afasta da verdade simples e desguarnecida; e um dilúvio de sentimentos falsos e de sensações exacerbadas, reprimindo as emoções naturais do coração, torna insípidos os prazeres domésticos que deviam suavizar o exercício dos austeros deveres que educam o ser racional e imortal para um campo de acção mais nobre.

Nos últimos tempos, a educação das mulheres tem merecido melhor tratamento do que antigamente; não obstante, as mulheres são ainda tidas como um sexo frívolo e são alvo do ridículo e da piedade por parte de escritores que persistem em melhorá-las recorrendo à sátira ou à instrução. As mulheres, reconhecidamente, gastam muitos dos primeiros anos de vida na aquisição de pouquíssimos méritos; entretanto, a força física e a força de espírito são sacrificadas a noções libertinas de beleza, ao desejo de se estabelecerem na vida através do casamento – o único modo de as mulheres conseguirem subir no mundo. E levando este desejo a que sejam meros animais, quando se casam, agem como é expectável que as crianças ajam: – vestem-se, pintam-se e dão alcunhas às criaturas de Deus². – Decerto que seres assim fracos só ficam bem num serralho! Poder-se-á esperar que governem a família dando uso ao juízo ou que tomem conta das pobres criancinhas que põem no mundo?

Ora, se é razoavelmente possível deduzir da presente conduta deste sexo, do gosto prevalecente pelo prazer que toma o lugar da ambição e dessas paixões mais nobres que abrem e engrandecem a alma, que a instrução até agora recebida pelas mulheres tem apenas contribuído, a par da constituição da sociedade civil, para as tornar insignificantes objectos de desejo – meras propagadoras de doidos! –; se puder provar-se que, ao ter como objectivo elas alcançarem mérito sem cultivar os seus entendimentos, a instrução as exclui da sua esfera de deveres e as torna ridículas e inúteis quando

cessa o efêmero florir da beleza*, presumo que homens *racionais* me desculparão por eu me empenhar em persuadi-las a tornar-se mais masculinas e respeitáveis.

Na verdade, a palavra masculino é tão-somente um papão: há pouca razão para temer que as mulheres adquiram demasiada coragem ou fortaleza, porque a aparente inferioridade em relação à força física, até certo ponto, deve torná-las dependentes dos homens nos vários relacionamentos na vida; mas porque haveria esta inferioridade de ser aumentada por preconceitos que atribuem um sexo à virtude e confundem verdades simples com devaneios sensuais?

Com efeito, as mulheres estão tão degradadas por noções errôneas de excelência feminina, que nem é minha intenção acrescentar um paradoxo quando assevero que esta fraqueza artificiosa produz uma propensão para a tirania e faz nascer a malícia, o adversário natural da força, o que as leva a exibir esses ares infantis e desprezíveis que corroem a estima, se bem que até excitam o desejo. Que os homens se tornem mais castos e modestos; e, se as mulheres não se tornarem mais sábias na mesma proporção, ficará claro que possuem menor entendimento. Parece-me que nem sequer será necessário dizer que estou agora a falar do meu sexo, em geral. Muitas delas, individualmente, têm mais siso do que os seus parentes do sexo masculino; e, como onde houver uma luta constante por um equilíbrio nada é preponderante sem ter naturalmente mais gravidade, algumas mulheres governam os maridos, sem que elas próprias se degradem, porque o intelecto há-de sempre governar.

* Um animado escritor, cujo nome não consigo recordar, pergunta o que neste mundo hão-de fazer as mulheres de quarenta anos.